

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JULHO DE 1866

Nº 7

## Projeto de Caixa Geral de Socorro e outras Instituições para os Espíritas

Num dos grupos espíritas de Paris um médium recebeu, ultimamente, a seguinte comunicação do Espírito de sua avó:

“Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocupavam esta manhã quando ias ao trabalho.

“As crianças que são entregues a amas mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, abdicando do pudor que lhes é caro, a servir nos hospitais de material experimental aos médicos e aos estudantes de Medicina, são duas grandes chagas que todos os bons corações devem aplicar-se em curar, e isto não é impossível. Que os espíritas façam como os católicos, contribuindo com alguns centavos por semana e capitalizando esses recursos, de modo a chegarem a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia um mal presente é uma caridade santa, que encoraja com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais, destinada a aliviar as misérias, é a

caridade inteligente e que me tornaria feliz ao vê-la posta em prática.

“Gostaria que um trabalho fosse elaborado visando a criar, inicialmente, um primeiro estabelecimento de proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a outra, que seria aumentada pouco a pouco, como Deus quer que seja aumentada, porque o progresso se realiza em marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um só espírita verdadeiro que ousasse faltar ao apelo para o alívio de seus semelhantes, e os espíritas são bastante numerosos para formar, pelo acúmulo de algumas moedas por semana, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento destinado a mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres e que então deixariam de ocultar seus sofrimentos para salvar o seu pudor.

“Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão e estou bem convicta de que elas darão bons frutos. Os grupos da província se congregariam prontamente a uma idéia tão bela e, ao mesmo tempo, tão útil e tão paternal. Aliás seria um monumento do valor moral do Espiritismo, tão caluniado, hoje e ainda por muito tempo, encarniçadamente.

“Eu disse que a caridade local é boa, aproveita a um indivíduo mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia, dizendo aos caluniadores: ‘Eis o que fizemos. Reconhece-se a árvore pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos e uma boa árvore não os dá maus.’

“Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais e que vão morrer em mãos mercenárias, dois crimes simultâneos: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrificou sem piedade. Que todos os corações

elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e que se esforcem por encontrar uma boa solução para as salvar de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de o alcançar; é preciso agir. Triunfa-se quando se tem fé, e a fé transporta montanhas. Que o Sr. Kardec trate a questão em seu jornal e vereis como será aclamada com calor e entusiasmo.

“Eu disse que era preciso um monumento material que atestasse a fé dos espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos faraós; mas, em vez de fazer loucuras, fazei obras que levem o selo do próprio Deus. Todo mundo deve compreender-me; não insisto.

“Retiro-me, meu caro filho. Como vês, tua boa avó ama sempre os seus filhotes, como te amava quando eras pequenino. Quero que tu os ames como eu, e que penses em encontrar uma boa organização. Poderás, se o quiseres; e, se necessário, nós te ajudaremos. Eu te abençôo.”

*Marie G...*

A idéia de uma caixa central e geral de socorro, formada entre os espíritas, já foi concebida e manifestada por homens animados de excelentes intenções. Mas não basta que uma idéia seja grande, bela e generosa; antes de tudo é preciso que seja exequível. Certamente temos dado mostras suficientes de nosso devotamento à causa do Espiritismo, para não ser suspeito de indiferença a seu respeito. Ora, é precisamente em razão de nossa própria solicitude que procuramos nos resguardar contra o entusiasmo que cega. Antes de empreender uma coisa, é preciso friamente calcular-lhe os prós e os contras, a fim de evitar reveses sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários. O Espiritismo só deve marchar com segurança, e quando põe o pé num lugar deve estar seguro de pisar terreno firme. Nem sempre a vitória é do mais apressado, mas com muito

mais probabilidade daquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que não podem ser senão obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas. Saibamos, pois, esperar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedir uma colheita abundante.

Desde muito tempo nós vos propúnhamos tratar a fundo esta questão, para a colocar em seu verdadeiro terreno e premunir contra as ilusões de projetos mais generosos do que sensatos, e cujo insucesso teria conseqüências lamentáveis. A comunicação relatada acima, e sobre a qual houveram por bem pedir a nossa opinião, nos fornece uma ocasião muito natural. Examinaremos, pois, tanto o projeto de centralização dos recursos, quanto o de algumas outras instituições e estabelecimentos especiais para o Espiritismo.

Antes de tudo convém dar-se conta do estado real das coisas. Sem dúvida os espíritas são muito numerosos, e seu número cresce sem cessar. Sob esse aspecto oferece um espetáculo único, o de uma propagação inaudita na história das doutrinas filosóficas, porque não há uma só, sem excetuar o Cristianismo, que tenha congregado tantos partidários em tão poucos anos. Isto é um fato notório, que confunde os próprios antagonistas. E o que não é menos característico, é que essa propagação, em vez de fazer-se num centro único, opera-se simultaneamente em toda a superfície do globo e em milhares de centros. Disso resulta que os adeptos, a despeito de serem muito numerosos, ainda não formam uma aglomeração compacta.

Essa dispersão, que à primeira vista parece uma causa de fraqueza, é, ao contrário, um elemento de força. Cem mil espíritas disseminados numa região fazem mais pela propagação da idéia do que se estivessem amontoados numa cidade. Cada individualidade é um foco de ação, um germe que produz rebento; por sua vez, cada rebento produz mais ou menos e os ramos se

reúnem pouco a pouco e cobrem a região mais prontamente do que se a ação partisse de um ponto único; é absolutamente como se um punhado de grãos fosse lançado ao vento, em vez de serem postos todos juntos no mesmo buraco. Além disso, por esta quantidade de pequenos centros a doutrina é menos vulnerável do que se tivesse um só, contra o qual seus inimigos poderiam assestar todas as suas forças. Um exército primitivamente compacto, dispersado pela força ou por outra causa qualquer, é um exército perdido. Aqui o caso é completamente diferente: a disseminação dos espíritas não é um caso de dispersão, mas um estado primitivo tendendo à concentração, para formar uma vasta unidade. A primeira está no fim; a segunda no seu nascimento.

Àqueles, pois, que se queixam do seu isolamento numa localidade, respondemos: Ao contrário, agradecei ao céu por vos haver escolhido como pioneiros da obra em vossa região. Cabe a vós lançar as primeiras sementes; talvez não germinem imediatamente; talvez não recolhereis os frutos; talvez mesmo tenhais de sofrer em vosso labor, mas pensai que não se prepara uma terra sem trabalho e ficai certos de que, mais cedo ou mais tarde, o que tiverdes semeado frutificará. Quanto mais ingrata a tarefa, mais mérito tereis, ainda que somente abrisseis caminho aos que vierem depois de vós.

Certamente, se os espíritas devessem ficar sempre no estado de isolamento, seria uma causa permanente de fraqueza; mas a experiência prova a que ponto a doutrina é vivaz e sabe-se que por um ramo abatido há dez que renascem. Sua generalização, pois, é uma questão de tempo. Ora, por mais rápida que seja a sua marcha, ainda é preciso tempo suficiente e, enquanto se trabalha a obra, é preciso saber esperar que o fruto esteja maduro antes de o colher.

Esta disseminação momentânea dos espíritas, essencialmente favorável à propagação da doutrina, é um obstáculo

à execução de obras coletivas de certa importância, pela dificuldade, se não mesmo pela impossibilidade, de reunir num mesmo ponto elementos suficientemente numerosos.

Dirão que é precisamente para remediar esse inconveniente, para apertar os laços de confraternidade entre os membros isolados da grande família espírita, que se propôs a criação de uma caixa central de socorro. Na verdade é um pensamento grande e generoso, que seduz à primeira vista; mas já se refletiu nas dificuldades de execução?

Uma primeira questão se apresenta. Até onde se estenderia a ação dessa caixa? Limitar-se-ia à França, ou compreenderia os outros países? Há espíritas em todo o globo. Não são nossos irmãos os de todos os países, de todas as castas e de todos os cultos? Se, pois, a caixa recebesse contribuições de espíritas estrangeiros, o que aconteceria infalivelmente, teria o direito de limitar sua assistência a uma única nacionalidade? Poderia, conscienciosamente e caridosamente, perguntar ao que sofre se é russo, polonês, alemão, espanhol, italiano ou francês? A menos que faltasse ao seu título, ao seu objetivo, ao seu dever, deveria estender sua ação do Peru à China. Basta pensar na complicação da máquina administrativa de uma tal empresa para ver quanto ela é quimérica.

Supondo que se circunscrevesse à França, não seria menos uma administração colossal, um verdadeiro ministério. Quem quereria assumir a responsabilidade de uma tal gerência de fundos? Para uma gestão dessa natureza não bastariam a integridade e o devotamento: seria necessária uma alta capacidade administrativa. Admitamos, contudo, vencidas as primeiras dificuldades; como exercer um controle eficaz sobre a extensão e a realidade das necessidades, sobre a sinceridade da qualidade de espírita? Semelhante instituição logo veria surgirem adeptos, ou que se dizem como tais, aos milhões, mas não seriam estes que

alimentariam a caixa. Do momento em que esta existisse, julgá-las inesgotável, e em breve ela se veria impossibilitada de satisfazer a todas as exigências de seu mandato. Fundada em tão vasta escala, consideramo-la como impraticável, e por nossa conta pessoal não lhe daríamos a mão.

Além disso, não seria de temer que ela encontrasse oposição à sua própria constituição? O Espiritismo apenas nasce e ainda não está, por toda parte, em estado de perfeição espiritual para que se julgue ao abrigo de suposições malevolentes. Não poderiam enganar-se quanto às suas intenções numa operação desse gênero? supor que, sob uma capa, oculte outro objetivo? numa palavra, fazer assimilações de que seus adversários alegariam exceção de justiça, para excitar a desconfiança contra si? Por sua natureza, o Espiritismo não é e nem pode ser uma filiação, nem uma congregação. Deve, pois, no seu próprio interesse, evitar tudo quanto lhe desse tal aparência.

Então é preciso que, por medo, o Espiritismo fique estacionário? Não é agindo, dirão, que ele mostrará o que é, que dissipará as desconfianças e frustrará a calúnia? Sem nenhuma dúvida; mas não se deve pedir à criança o que exige as forças da idade viril. Longe de servir ao Espiritismo, seria comprometê-lo e expô-lo aos golpes e às gargalhadas dos adversários e misturar seu nome a coisas quiméricas. Certamente ele deve agir, mas no limite do possível. Deixemos-lhe, pois, tempo para adquirir as forças necessárias e então dará mais do que se pensa. Ele nem mesmo está completamente constituído em teoria; como querem que dê o que só pode ser resultado do complemento da doutrina?

Aliás há outras considerações que importa levar em conta.

O Espiritismo é uma crença filosófica e basta simpatizar com os princípios fundamentais da doutrina para ser

espírita. Falamos dos espíritas convictos, e não dos que lhe tomam a máscara, por motivos de interesse ou outros, igualmente inconfessáveis. Esses não fazem número; neles não há nenhuma convicção; hoje se dizem espíritas, na esperança de aí encontrar vantagens; amanhã serão adversários, se não encontrarem o que procuravam; ou então se farão de vítimas de seu devotamento fictício, e acusarão os espíritas de ingratidão por não os sustentar. Não seriam os últimos a explorar a caixa geral, para se indenizarem de especulações frustras ou repararem desastres causados por sua incúria ou sua imprevidência, e a lhe atirarem a pedra, se ela não os satisfaz. Não é para admirar, pois todas as opiniões contam com semelhantes auxiliares e vêem a representação de semelhantes comédias.

Há também a massa considerável dos espíritas de intuição; os que o são pela tendência e a predisposição de suas idéias, sem estudo prévio; os indecisos, que ainda flutuam, esperando os elementos de convicção que lhes são necessários. Podemos, sem exagero, avaliá-los em um quarto da população. É o grande reservatório onde se recrutam os adeptos, mas ainda não contam no número.

Entre os espíritas reais – os que constituem o verdadeiro corpo dos aderentes – há certas distinções a fazer. Em primeira linha deve-se colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e lhe aceitam todas as conseqüências para si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem segunda intenção; os interesses da causa, que são os da Humanidade, lhes são sagrados e jamais os sacrificam a uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal. Para eles o lado moral não é simples teoria: esforçam-se por pregar pelo exemplo; não só têm a coragem de sua opinião: disto fazem uma glória e, se necessário, sabem pagar com sua pessoa.

Em seguida vêm os que aceitam a idéia como filosofia, porque lhes satisfaz à razão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a doutrina impõe aos que a assimilam. O homem velho está sempre lá e a reforma de si mesmos lhes parece uma tarefa por demais pesada; mas como não estão menos firmemente convencidos, entre eles encontram-se propagadores e defensores zelosos.

Depois há as pessoas levianas, para quem o Espiritismo está todo inteiro nas manifestações. Para estes é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa despercebido; o atrativo da curiosidade é o seu principal móvel: extasiam-se perante um fenômeno e ficam frios diante de uma consequência moral.

Finalmente, há o número ainda muito grande dos espíritas mais ou menos sérios, que não puderam colocar-se acima dos preconceitos e do que dirão, contidos pelo temor do ridículo; aqueles que considerações pessoais ou de família, com interesses por vezes respeitáveis a gerir, de algum modo são forçados a manter-se afastados. Todos esses, numa palavra, que por uma causa ou por outra, boa ou má, não se põem em evidência. A maior parte não desejaria mais do que se confessar, mas não ousam ou não o podem. Isto virá mais tarde, à medida que virem outros fazê-lo e que não houver perigo; serão os espíritas de amanhã, como outros são os da véspera. Todavia, não se pode exigir muito deles, porque é preciso uma força de caráter que não é dada a todos, para enfrentar a opinião em certos casos. É preciso, pois, levar em conta a fraqueza humana. O Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade e se nos podemos admirar de alguma coisa, é do número de reformas que ele já operou em tão pouco tempo; enquanto nuns, onde ele encontra o terreno preparado, entra, por assim dizer, de uma vez, noutros só penetra gota-a-gota, conforme a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

Todos esses adeptos contam no número, e por mais imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora em limites restritos. Até nova ordem, se só servissem para diminuir as fileiras da oposição, já seria alguma coisa. É por isso que não se pode desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial.

Mas, quando se trata de uma obra coletiva importante, onde cada um deve trazer seu contingente de ação, como seria a de uma caixa geral, por exemplo, convém ter em mente essas considerações, porque a eficácia do concurso que se pode esperar está na razão da categoria à qual pertencem os adeptos. É bem evidente que não se pode contar muito com os que não levam a sério o lado moral da doutrina e, ainda menos, com os que não ousam mostrar-se.

Restam, pois, os adeptos da primeira categoria. Destes, certamente, tudo se pode esperar; são soldados de vanguarda, não esperando, na maioria das vezes, senão serem chamados, quando se trata de dar prova de abnegação e de devotamento. Mas numa cooperação financeira, cada um contribui conforme os seus recursos e o pobre só pode dar o seu óbolo. Aos olhos de Deus este óbolo tem grande valor, mas para as necessidades materiais tem apenas o seu valor intrínseco. Desfalcando todos aqueles cujos meios de subsistência são limitados, aqueles mesmos que só pensam no dia de hoje, o número dos que poderiam contribuir um pouco largamente e de maneira eficaz é relativamente restrito.

Uma observação ao mesmo tempo interessante e instrutiva é a da proporção dos adeptos segundo as categorias. Essa proporção variou sensivelmente e se modifica em razão dos progressos da doutrina. Mas neste momento pode ser avaliada, aproximadamente, da maneira seguinte: 1ª categoria – espíritas completos, de coração e devotamento: 10%; 2ª categoria – espíritas incompletos, buscando mais o lado científico que o lado moral: 25%; 3ª categoria – espíritas levianos, os que só se interessam pelos

fatos materiais: 5% (esta proporção era inversa há dez anos); 4ª categoria – espíritas não confessos ou que se ocultam: 60%.

Relativamente à posição social, pode-se fazer duas classes gerais: de um lado, aqueles cuja fortuna é independente; do outro, os que vivem de seu trabalho. Em 100 espíritas da primeira categoria, há em média 5 ricos contra 95 trabalhadores; na segunda, 70 ricos e 30 trabalhadores; na terceira, 80 ricos e 20 trabalhadores; na quarta, 99 ricos e 1 trabalhador.

Desse modo, seria ilusão pensar que em tais condições uma caixa geral pudesse satisfazer a todas as necessidades, quando a do mais rico banqueiro não seria suficiente. Não bastariam alguns milhares de francos anualmente, mas milhões.

De onde vem essa diferença na proporção entre os ricos e os que não o são? A razão é muito simples: os aflitos encontram no Espiritismo um imenso consolo, que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida; dá-lhes a razão dessas misérias e a certeza de uma compensação. Não é, pois, surpreendente que, gozando mais benefício, o apreciem mais e o tomem mais a peito que os felizes do mundo.

Admiram-se de que, quando semelhantes projetos vieram à tona, não nos tivéssemos apressado em os apoiar e patrocinar. É que, antes de tudo, nos apegamos a idéias positivas e práticas; para nós o Espiritismo é uma coisa muito séria, para o comprometer prematuramente em caminhos onde pudesse encontrar decepções. De nossa parte, não há nisso nem indiferença, nem pusilanimidade, mas prudência, e sempre que estiver maduro para ir à frente, não ficaremos na retaguarda. Não que nos atribuamos mais perspicácia do que aos outros; mas como a nossa posição nos permite a visão de conjunto, podemos julgar o forte e o fraco talvez melhor do que os que se acham num círculo restrito. Aliás, damos a nossa opinião e não pretendemos impô-la a ninguém.

O que acaba de ser dito a respeito da criação de uma caixa geral e central de socorro, aplica-se naturalmente aos projetos de fundação de estabelecimentos hospitalares e outros. Ora, aqui a utopia é ainda mais evidente. Se é fácil lançar um projeto sobre o papel, o mesmo não se dá quando se chega às vias e meios de execução. Construir um edifício *ad hoc* já é muito; e quando estivesse pronto, seria preciso provê-lo de pessoal suficiente e *capaz*, e depois assegurar a sua manutenção, porque tais estabelecimentos custam muito e nada rendem. Não são apenas grandes capitais que se exigem, mas grandes rendimentos. Admitindo-se, contudo, que à força de perseverança e de sacrifícios se chegasse a criar um pequeno modelo, quão mínimas não seriam as necessidades a que poderia satisfazer, em relação à massa e à disseminação dos necessitados em um vasto território! Seria uma gota d'água no oceano; e, se há tantas dificuldades para um só, mesmo em pequena escala, seria muito pior se se tratasse de os multiplicar. Na realidade, o dinheiro assim empregado não adiantaria, pois, senão a alguns indivíduos, ao passo que, judiciosamente repartido, ajudaria a viver um grande número de infelizes.

Seria um modelo, um exemplo; seja. Mas, por que se esforçar por criar quimeras, quando as coisas existem prontas, montadas, organizadas, com meios mais poderosos do que jamais disporão os particulares? Esses estabelecimentos deixam a desejar; há abusos, não correspondem a todas as necessidades, isto é evidente e, contudo, se os comparamos ao que eram há menos de um século, constatamos uma imensa diferença e um progresso constante; cada dia vemos a introdução de um melhoramento. Não se poderia, pois, duvidar que com o tempo novos progressos fossem realizados pela força das coisas. As idéias espíritas devem, infalivelmente, apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor que outras, penetram os homens com o sentimento de seus deveres. Por toda parte onde se introduzem, os abusos caem e o progresso se realiza. Devemos, pois, nos empenhar em as espalhar: aí está a coisa possível e prática, a verdadeira alavanca, alavanca

irresistível, quando tiver adquirido a força suficiente pelo desenvolvimento completo dos princípios e pelo número dos aderentes sérios.

A julgar do futuro pelo presente, pode-se afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas muito antes que os espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero desse de que falamos, se algum dia o empreendessem, mesmo que tivessem de dar um centavo por semana. Por que, então, consumir energias em esforços supérfluos, em vez de concentrá-las num ponto acessível e que seguramente deve conduzir ao objetivo? Mil adeptos ganhos à causa e espalhados em mil locais diferentes apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício.

O Espiritismo, diz o Espírito que ditou a comunicação acima, deve firmar-se e mostrar o que é por um monumento durável, erguido à caridade. Mas de que serviria um monumento à caridade, se a caridade não estiver no coração? Ele ergue um mais durável que um monumento de pedra: é a doutrina e suas conseqüências para o bem da Humanidade. É nisto que cada um deve trabalhar com todas as suas forças, porque durará mais que as pirâmides do Egito.

Pelo fato de esse Espírito se enganar, segundo nós, sobre tal ponto, isto nada lhe retira de suas qualidades; incontestavelmente está animado de excelentes sentimentos. Mas um Espírito pode ser muito bom, sem ser um apreciador infalível de todas as coisas. Nem todo bom soldado é, necessariamente, um bom general.

Um projeto de realização menos quimérica é o da formação de sociedades de socorros mútuos entre os espíritas de uma mesma localidade. Mas, ainda aqui, não se pode escapar a algumas das dificuldades que assinalamos: a falta de aglomeração e

a cifra ainda restrita daqueles com os quais se pode contar para um concurso efetivo. Outra dificuldade vem da falsa assimilação que fazem dos espíritas e de certas classes de indivíduos. Cada profissão apresenta uma delimitação claramente marcada. Pode-se facilmente estabelecer uma sociedade de socorros mútuos entre gente de uma mesma profissão, entre os de um mesmo culto, porque se distinguem por algo de característico, e por uma posição de certo modo oficial e reconhecida. Assim não se dá com os espíritas que, como tais, não são registrados em parte alguma e cuja crença não é constatada por nenhum diploma. Há-os em todas as classes da sociedade, em todas as profissões, em todos os cultos, e em parte alguma constituem uma classe distinta. Sendo o Espiritismo uma crença fundada numa convicção íntima, *da qual não se devem contar a ninguém*, quase que só se conhecem os que se põem em evidência ou freqüentam os grupos, e não o número muito mais considerável dos que, sem se ocultar, não participam de nenhuma reunião regular. Eis, por que, apesar da certeza de que os adeptos são numerosos, muitas vezes é difícil chegar a uma cifra bastante, quando se trata de uma operação coletiva.

Com respeito às sociedades de socorros mútuos, apresenta-se uma outra consideração. O Espiritismo não forma, nem deve formar classe distinta, já que se dirige a todos; por seu princípio mesmo deve estender sua caridade indistintamente, sem inquirir da crença, porque todos os homens são irmãos; se fundar instituições de caridade exclusivas para os seus adeptos, será forçado a perguntar a quem reclama assistência: “Sois dos nossos? Que provas nos dais? Se não, nada podemos fazer por vós.” Assim, mereceria a censura de intolerância, que dirige aos outros. Não; para fazer o bem, o espírita não deve sondar a consciência e a opinião e, ainda que tivesse à sua frente um inimigo de sua fé, mas infeliz, deve vir em seu auxílio nos limites de suas faculdades. É agindo assim que o Espiritismo mostrará o que é e provará que vale mais do que o que lhe opõem.

As sociedades de socorros mútuos multiplicam-se por todos os lados e em todas as classes de trabalhadores. É uma excelente instituição, prelúdio do reino da fraternidade e da solidariedade, de que se sente necessidade; aproveitam aos espíritas que delas fazem parte, como a todo o mundo. Por que, então, fundá-las só para eles e excluir os outros? Que ajudem a propagá-las, porque são úteis; que, para as tornar melhores, nelas façam penetrar o elemento espírita, nelas penetrando eles próprios, pois isso seria mais proveitoso para eles e para a doutrina. Em nome da caridade evangélica, inscrita em sua bandeira, em nome dos interesses do Espiritismo, nós os intimamos a evitar tudo quanto pudesse estabelecer uma barreira entre eles e a sociedade. Enquanto o progresso moral tende a diminuir as que dividem os povos, o Espiritismo não as deve erguer; é de sua essência penetrar em toda parte; sua missão, melhorar tudo o que existe. O Espiritismo falharia se se isolasse.

Deve a beneficência ficar individual e, neste caso, sua ação não será mais limitada do que se for coletiva? A beneficência coletiva tem vantagens incontestáveis e, bem longe de desestimulá-la, nós a encorajamos. Nada mais fácil do que praticá-la em grupos, recolhendo por meio de cotizações regulares ou de donativos facultativos os elementos de um fundo de socorro. Mas, então, agindo num círculo restrito, o controle das verdadeiras necessidades é fácil; o conhecimento que delas se pode ter permite uma distribuição mais justa e mais proveitosa; com uma soma módica, bem distribuída e dada *de propósito*, pode-se prestar mais serviços reais que com uma grande soma dada sem conhecimento de causa e, a bem dizer, ao acaso. É, pois, necessário dar-se conta de certos detalhes se não se quiser gastar inutilmente seus recursos. Ora, compreende-se que tais cuidados seriam impossíveis se se operasse em vasta escala. Aqui, nada de complicação administrativa, nada de pessoal burocrático; algumas pessoas de boa vontade, e eis tudo.

Por conseguinte, não podemos senão encorajar com todas as nossas forças a beneficência coletiva nos grupos espíritas. Nós a conhecemos em Paris, na província e no estrangeiro, fundadas, se não exclusivamente, ao menos principalmente com esse objetivo, e cuja organização nada deixa a desejar. Lá, membros dedicados vão aos domicílios inquirir dos sofrimentos e levar o que às vezes vale mais que os socorros materiais: as consolações e os encorajamentos. Honra a eles, pois bem merecem do Espiritismo! Se cada grupo agir assim em sua esfera de atividade, todos juntos realizarão maior soma de bem do que o faria uma caixa central quatro vezes mais rica.

## Estatística da Loucura

O *Moniteur* de 16 de abril de 1866 continha o relatório quinquenal, dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Trabalhos Públicos, sobre o estado da alienação mental na França. Muito extenso, sábia e conscienciosamente feito, esse relatório é uma prova da solicitude com que o Governo trata essa grave questão humanitária. Os preciosos documentos que encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessam bastante, porque são um desmentido formal e autêntico às acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, por eles designado como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais salientes.

Na verdade esses documentos constataam um crescimento considerável do número de alienados; mas se verá que nisto o Espiritismo é completamente estranho. Esse número, que nos asilos especiais era, em 1835, de 10.539, se achava, em 1861, em 30.229; é um aumento de 19.700 em 26 anos, ou seja, uma média de 750 por ano, como resulta do quadro seguinte (em 1º de janeiro):

1835 ...	10.539	1844 ...	16.255	1853 ...	23.795
1836 ...	11.091	1845 ...	17.089	1854 ...	24.524
1837 ...	11.429	1846 ...	18.013	1855 ...	24.896
1838 ...	11.982	1847 ...	19.023	1856 ...	25.485
1839 ...	12.577	1848 ...	19.570	1857 ...	26.305
1840 ...	13.283	1849 ...	20.231	1858 ...	27.028
1841 ...	13.887	1850 ...	20.061	1859 ...	27.878
1842 ...	15.280	1851 ...	21.353	1860 ...	28.761

Além disso, o relatório constata este fato capital: o aumento foi progressivo de ano a ano, de 1835 a 1846 e, desde então, foi decrescendo, como indica o quadro abaixo:

Período de 1836 a 1841, crescimento anual de .....	5,04%
Período de 1841 a 1846, crescimento anual de .....	5,94%
Período de 1846 a 1851, crescimento anual de .....	3,71%
Período de 1851 a 1856, crescimento anual de .....	3,87%
Período de 1856 a 1861, crescimento anual de .....	3,14%

“Diz o Sr. Ministro que, em face dessa desaceleração, também verificada nas admissões, como estabelecerei mais adiante, é provável que o crescimento verdadeiramente excepcional de nossos asilos em breve seja detido.

“O número de doentes que podiam abrigar convenientemente os nossos asilos era, em fins de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a 30.239. Em consequência, o número de lugares disponíveis era apenas de 1231.

“Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1º de janeiro de cada um dos anos 1856-1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) assim se classificam:

<b>Anos</b>	<b>Loucos</b>	<b>Idiotas</b>	<b>Cretinos</b>
1856 .....	22.602	2.840	43
1857 .....	23.283	2.976	46
1858 .....	23.851	3.134	43

1859 .....	24.395	3.443	40
1860 .....	25.147	3.577	37
1861 .....	26.450	3.746	43

“O fato notável deste quadro é o aumento considerável, em relação aos loucos, do número de idiotas tratados nos asilos. Em cinco anos ele foi de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo de loucos elevou-se apenas de 14%. Essa diferença é a consequência da admissão em nossos asilos de um grande número de idiotas que antes ficavam no seio das famílias.

“Dividido por sexo, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos de 1854-1860:

<b>Anos</b>	<b>Sexo masculino</b>	<b>Sexo feminino</b>
1854 .....	12.036	12.860
1855 .....	12.221	13.264
1856 .....	12.632	13.673
1857 .....	12.930	14.098
1858 .....	13.392	14.486
1859 .....	13.876	14.885
1860 .....	14.582	15.657

“A média anual, calculada para este período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção entre os dois sexos, que se repete anualmente, desde 1842, com ligeiras diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica, bem constatada, do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91 homens para 100 doentes admitidos. É devida, como foi explicado na publicação precedente, à maior mortalidade destes últimos e, além disso, porque sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

“A partir de 1856 os doentes em tratamento nos asilos foram classificados de acordo com as chances de cura que seu

estado parecia oferecer. As cifras a seguir resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento no dia 1º de janeiro de cada ano:

Anos	Presumidos curáveis	Presumidos incuráveis	Total
—			—
1856 .....	4.404	18.198	22.602
1857 .....	4.389	18.894	23.283
1858 .....	4.266	19.585	24.851
1859 .....	4.613	19.782	24.395
1860 .....	4.499	19.648	25.147

“Assim, mais de quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Esse triste resultado é a conseqüência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que só se separam o mais tarde possível de seus alienados, isto é, quando seu mal inveterado não deixa qualquer esperança de cura.

“Sabe-se com cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aí aplicar o remédio apropriado à sua natureza. Por mais escrupulosas, por mais conscienciosas que sejam essas investigações médicas, é preciso não esquecer que seus resultados estão longe de equivaler a fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão em apreciações cuja exatidão pode sofrer em diferentes circunstâncias. Em primeiro lugar a extrema dificuldade de descobrir entre as várias influências sofridas pela razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual saiu a alienação. Mencionemos em seguida a repugnância das famílias em fazer ao médico confidências completas. Talvez se tenha de levar em conta, igualmente, a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para, de preferência, atribuir o mal a causas puramente físicas.

“É com base nessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis de alienação dos 38.988 doentes, admitidos de 1856 a 1860.

“A loucura se produz com mais freqüência sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos colhidos sobre este ponto, abstração feita da hereditariedade, para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período de 1856 a 1860:

Ano	Causas físicas	Causas morais
1856 .....	2.730	1.724
1857 .....	3.213	2.171
1858 .....	3.202	2.217
1859 .....	3.277	1.986
1860 .....	3.444	2.259
	-----	-----
<b>Totais .....</b>	15.866	10.357

“Conforme estas cifras, em 1.000 casos de loucura, 607 foram atribuídos a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura, portanto, se produziria muito mais freqüentemente sob influências físicas. Esta observação é comum a ambos os sexos, com a diferença, todavia, de que para as mulheres o número de casos cuja origem é atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

“Os 15.866 casos em que a loucura pareceu provocada por uma causa física, se decompõem da seguinte forma:

Efeito da idade (demência senil) .....	2.098
Nudez e miséria .....	1.008
Onanismo e abusos venéreos .....	1.026
Excessos alcoólicos .....	3.455
Vício congênito .....	474
Doenças próprias da mulher .....	1.592
Epilepsia .....	1.498

Outras doenças do sistema nervoso .....	1.136
Golpes, quedas, lesões, etc. ....	398
Doenças diversas .....	2.866
Outras causas físicas .....	1.164
<b>Total</b> .....	<b>15.866</b>

“Quanto aos fenômenos de ordem moral, os que parecem produzir a loucura com mais freqüência são: primeiro, os pesares domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; a seguir vêm os reveses da fortuna e a ambição não concretizada. Quanto ao mais, eis a enumeração detalhada dos 10.357 casos de loucura, assinalados como consequência imediata dos diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual .....	358
Pesares domésticos .....	2.549
Desgostos resultantes da perda da fortuna .....	851
Tristeza resultante da perda de um ente querido .....	803
Pesares resultantes da ambição insatisfeita .....	520
Remorso .....	102
Cólera .....	123
Alegria .....	31
Pudor ferido .....	69
Amor .....	767
Ciúme .....	456
Orgulho .....	368
Acontecimentos políticos .....	123
Passagem súbita da vida ativa à inativa e vice-versa .....	82
Isolamento e solidão .....	115
Prisão simples .....	113
Prisão em regime celular .....	26
Nostalgia .....	78
Sentimentos religiosos levados ao excesso .....	1.095
Outras causas morais .....	1.728
<b>Total</b> .....	<b>10.357</b>

“Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações colhidas sobre os doentes admitidos em nossos

asilos de alienados, durante o período de 1856 a 1860 que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é a embriaguez. Vêm a seguir os pesares domésticos, a idade, as doenças de diversos órgãos, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de toda sorte.

“O quadro seguinte dá o número de paralíticos, epiléticos, surdos-mudos, escrofulosos e os acometidos de papeira, entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a 1860:

	<b>Loucos</b>	<b>Idiotas/cretinos</b>
Paralíticos .....	3.775	69
Epiléticos .....	1.763	347
Surdos-mudos .....	133	61
Escrofulosos .....	381	146
Acometidos de papeira ....	123	32

“A loucura se complica com paralisia muito mais na mulher. Entre os epiléticos há mais homens que mulheres, mas em proporção menos forte.

“Se se pesquisar agora, distinguindo os sexos, em que proporções se produzem as curas anualmente, em relação ao número de doentes tratados, obtém-se os seguintes resultados:

<b>Anos</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Ambos os sexos</b>
1854 .....	8,93%	8,65%	8,79%
1855 .....	8,92%	8,81%	8,86%
1856 .....	8,00%	7,69%	7,83%
1857 .....	8,11%	7,45%	7,62%
1858 .....	8,02%	6,74%	7,37%
1859 .....	7,69%	6,71%	7,19%
1860 .....	7,05%	6,95%	7,00%

“Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, a despeito dos melhoramentos de toda natureza levados ao tratamento dos

doentes e as acomodações dos asilos. De 1856 a 1860 a proporção média das curas foi, para os loucos de ambos os sexos, reunidos, de 8,24%. É apenas o duodécimo. Essa proporção seria muito mais elevada se as famílias não cometessem o grave erro de não se separar de seus alienados senão quando a doença já fez progressos inquietantes.

“Um fato digno de nota é que o número proporcional de homens curados excede, anualmente, o das mulheres. Em 100 loucos tratados, de 1856 a 1860, contaram-se em média 8,69 curas para os homens e apenas 7,81 para as mulheres, ou seja, cerca de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

“Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, há somente 9.789 para os quais foi possível determinar as diversas influências que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações colhidas sob este ponto de vista:

Curados		
Causas físicas	.....	5.253
Causas morais	.....	4.536
<b>Total</b>	.....	<u>9.789</u>

“Representando por mil esse número total, acha-se que, em 536 doentes curados, a loucura tinha sobrevivido em decorrência de causas físicas, e em 464 em consequência de influências morais. Essas proporções numéricas diferem muito sensivelmente das precedentemente constatadas, no que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contaram, em 1.000 admitidos, apenas 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que, nesta categoria de doentes, as curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

“Cerca de metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi colhida, devia-se às seguintes circunstâncias:

embriaguez – 1.738; pesares domésticos – 1.171; doenças diversas – 761; doenças próprias da mulher – 723; exaltação dos sentimentos religiosos – 460.

“Em 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. É uma proporção de 15% em relação à cifra dos loucos curados.”

Logo de início resulta desses documentos que o aumento da loucura, constatado a partir de 1835, é de perto de vinte anos anterior ao aparecimento do Espiritismo na França, onde não se ocuparam das mesas girantes, e mais como entretenimento do que como coisa séria, senão depois de 1852, e da parte filosófica somente depois de 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu, ano a ano, uma marcha ascendente, de 1835 a 1846; de 1847 a 1861 ele foi diminuindo de ano para ano; e a diminuição foi mais forte de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomava o seu desenvolvimento. Ora, era precisamente naquela época que se publicavam brochuras e os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam atulhadas de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar as suas construções; que aí se contavam, ao todo, mais de quarenta mil. Como podia aí haver mais de 40.000, quando o relatório constata uma cifra máxima de 30.339? A que fonte mais segura que a da autoridade aqueles senhores colheram os seus dados? Provocavam uma enquete: ei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e se vê se ela lhes dá razão.

O que igualmente ressalta do relatório é o número de idiotas e de cretinos, que entra com uma parte considerável no cômputo geral, e o aumento anual deste número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura, elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas e, contudo, o

Espiritismo aí não figura nem nominalmente, nem por alusão. Teria passado despercebido se, como pretendem alguns, tivesse, ele só, enchido as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os espíritas, abstendo-se de os mencionar, se tivesse lugar para o fazer. Em todo o caso, certas cifras viriam recusar qualquer parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas. Se fosse de outro modo, as causas morais predominariam em número sobre as causas físicas, enquanto é o contrário que se dá. A cifra dos alienados considerados incuráveis não seria quatro a cinco vezes mais forte que a dos doentes presumivelmente curáveis, e o relatório não diria que os quatro quintos dos loucos mantidos nos hospícios não oferecem nenhuma chance de cura.

Finalmente, em face do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que, em razão da desaceleração que se produziu, é provável que o aumento verdadeiramente excepcional na população dos asilos em breve seja detido.

Em suma, esse relatório é a resposta mais peremptória que se pode dar aos que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante de loucura. Aqui não são hipóteses nem raciocínios, mas cifras autênticas, opostas a cifras fantásticas, fatos materiais contrapostos a alegações mentirosas de seus detratores, interessados em o desacreditar na opinião pública.

## Morte de Joseph Méry

Um homem de talento, inteligência de escol, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry morreu em Paris no dia 17 de junho de 1866, com sessenta e sete anos e meio de idade.

Conquanto não fosse adepto confesso do Espiritismo, pertencia à numerosa classe dos que se podem chamar *espíritos inconscientes*, isto é, naqueles em que as idéias fundamentais do Espiritismo existem no estado de intuição. A esse título, e sem sair de nossa especialidade, podemos consagrar-lhe algumas linhas, que não serão inúteis à nossa instrução.

Seria supérfluo repetir aqui as informações que a maioria dos jornais publicaram, por ocasião de sua morte, sobre sua vida e suas obras. Reproduziremos apenas a seguinte passagem da notícia do *Siècle* (19 de junho), porque é uma justa homenagem prestada ao caráter do homem. Depois de ter enumerado seus trabalhos literários, assim o descreve o autor do artigo: “Joseph Méry era pródigo na conversação; palestrador brilhante, improvisador de estâncias e de rimas, semeava ditos espirituosos e paradoxos com uma verve infatigável; e, particularidade que o honra, jamais deixou de ser benevolente para com todos. É um dos mais belos elogios que se pode fazer a um escritor.”

Dissemos que o Sr. Méry era espírita por intuição. Ele não só acreditava na alma e na sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências; nele essa crença era o resultado de *lembranças*. Estava persuadido de ter vivido em Roma sob Augusto, na Alemanha, nas Índias, etc. Certos detalhes estavam presentes tão bem à sua memória que ele descrevia com exatidão lugares que jamais tinha visto. É a esta faculdade que o autor do artigo precitado faz alusão, quando diz: “Sua imaginação inesgotável criava as regiões que não tinha visto, adivinhava os costumes, descrevendo os habitantes com uma fidelidade tanto mais maravilhosa porque *a possuía mau grado seu*.”

Citamos os fatos mais notáveis que lhe dizem respeito no número da *Revista* de novembro de 1864, reproduzindo sob o título de *Lembranças de existências passadas*, o artigo biográfico publicado pelo Sr. Dangeau, no *Journal littéraire* de 25 de setembro

de 1864, e que acompanhamos de algumas reflexões. Essa faculdade era perfeitamente conhecida de seus confrades em literatura. Que pensavam disto? Para alguns não passava de *singular* efeito da imaginação. Como, porém, o Sr. Méry era um homem estimado, de caráter simples e reto, que sabiam incapaz de uma impostura – a exatidão de certas descrições locais tinha sido reconhecida – e não se podia racionalmente tachá-la de loucura, muitos diziam que aí podia haver algo de verdadeiro; por isso esses fatos foram lembrados num dos discursos pronunciados junto ao seu túmulo. Ora, se tivessem considerado como aberrações de seu espírito, teriam passado em silêncio. É, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância grave e solene, uma das que mais impõem respeito, que foi dito que o Sr. Méry se lembrava de ter vivido em outras épocas e o provava por fatos. Isto não pode deixar de suscitar reflexões, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a idéia da pluralidade das existências como a mais racional. Sendo os fatos desta natureza concernentes ao Sr. Méry uma das notáveis particularidades de sua vida e tendo tido repercussão por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as conseqüências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Se admitirmos que já vivemos uma vez, podemos e até devemos ter vivido várias vezes, e podemos reviver depois desta existência. Se revivemos várias vezes, não pode ser com o mesmo corpo; logo, há em nós um princípio inteligente independente da matéria e que *conserva sua individualidade*. Como se vê, é a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Este princípio ou alma, *revivendo na Terra*, desde que pode conservar a intuição de seu passado, não pode perder-se no infinito depois da morte, como se crê vulgarmente; deve, no intervalo de suas existências corpóreas, ficar no meio humanitário; devendo retomar novas existências nesta mesma humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir as suas peripécias. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos. Nesse mundo

naturalmente se acham os nossos parentes e amigos, que devem continuar a interessar-se por nós, como nos interessamos por eles e que não estão perdidos para nós, já que existem e podem estar perto de nós. Eis no que chegam forçosamente a crer; eis as conseqüências a que são levados os que admitem o princípio da pluralidade das existências; eis no que acreditava Méry. Que faz a mais o Espiritismo? Chama *Espíritos* esses mesmos seres invisíveis e diz que estando em nosso meio, podem manifestar sua presença e comunicar-se com os encarnados. Quando o resto foi admitido, isto é assim tão despropositado?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da crença íntima de muitas pessoas é bem pouca coisa. O fato das manifestações não passa de acessório e da confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, então, alguns dos que admitem a base repelem o que deve servir de prova? Pela falsa idéia que fazem disto. Mas os que se dão ao trabalho de o estudar e o aprofundar, logo reconhecem que estão mais próximo do Espiritismo do que pensavam e que a maior parte deles são espíritos sem o saber: só lhes falta o nome. Eis por que se vêem tantas idéias espíritas emitidas a todo instante por aqueles mesmos que rejeitam o termo, e por que certas pessoas aceitam tão facilmente essas mesmas idéias. Quando se trata de uma questão de palavra, está-se muito próximo do entendimento.

Tocando em tudo, o Espiritismo entra no mundo por uma infinidade de portas. Uns a ele são trazidos pelo fato das manifestações; outros, pela desgraça que os atinge e contra a qual acham nessa crença a única consolação verdadeira; outros, ainda, pela idéia filosófica e religiosa; finalmente, outros pelo princípio da pluralidade das existências. Méry, contribuindo para acreditar esse princípio num certo mundo, talvez faça mais pela propagação do Espiritismo do que se fosse abertamente espírita confesso.

É precisamente no momento em que esta grande lei da Humanidade vem afirmar-se por fatos e pelo testemunho de um

homem honrado, que, por seu lado, a cúria romana vem desautorizá-la, pondo no índice a *Pluralidade das existências da alma*, de Pezzani (Jornal *Le Monde*, 22 de junho de 1866); inevitavelmente esta medida terá por efeito provocar o seu exame. A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma *lei da Natureza*, que nenhum anátema pode impedir de ser e com a qual a Teologia, mais cedo ou mais tarde, deverá pôr-se de acordo. A pressa em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas as que regem o mundo, é obra da Divindade, é um tanto exagerada. É muito de temer que em breve não suceda com essa condenação o que aconteceu com a que lançaram contra o movimento da Terra e os períodos de sua formação.

A seguinte comunicação foi obtida na Sociedade de Paris, no dia 22 de junho de 1866, pelo médium Sr. Desliens:

Pergunta – Sr. Méry, não tínhamos a vantagem de vos conhecer senão pela reputação; mas os vossos talentos e a merecida estima de que éreis cercado nos levam a esperar encontrar, nas conversas que manteremos convosco, uma instrução que aproveitaremos e nos deixará felizes, todas as vezes que quiserdes vir entre nós.

As perguntas que hoje desejaríamos vos dirigir, se a época recente de vossa morte vos permitir responder, são estas:

1º – Como se realizou vossa passagem desta à outra vida e quais as vossas impressões ao entrar no mundo espiritual?

2º – Em vida tínheis conhecimento do Espiritismo? O que pensáveis dele?

3º – O que dizem de vossas lembranças de existências anteriores é exato? Que influência essas lembranças exerceram sobre vossa vida terrena e os vossos escritos?

Julgamos supérfluo perguntar se sois feliz em vossa nova posição; a bondade do vosso caráter e vossa honorabilidade nos levam a esperar isto.

*Resposta* – Senhores, estou extremamente tocado pelo testemunho de simpatia que haveis por bem me dar, e que se encerra nas palavras do vosso honrado presidente. Sinto-me feliz por atender ao vosso apelo, pois minha situação atual me afirma a realidade de um ensinamento cuja intuição eu trazia ao nascer, e também porque pensais no que resta de Méry, o romancista, no futuro de minha parte íntima e viva, em minha alma, enfim, ao passo que meus numerosos amigos pensavam, sobretudo, ao me deixar, na personalidade que os abandonava. Lançavam-me seu último adeus, desejando que a terra me fosse leve! Que resta de Méry para eles?... Um pouco de poeira e obras sobre cujo mérito não sou chamado a pronunciar-me... De minha vida nova, nem uma palavra!

Lembraram minhas teorias como uma das singularidades de meu caráter, a imposição de minhas convicções como um efeito magnético, um charme que desapareceria com a minha ausência; mas do Méry que sobreviveu ao corpo, desse ser inteligente que hoje dá conta de sua vida de ontem e que pensa em sua vida de amanhã, que disseram?... Nada!... nem mesmo pensaram... O romancista tão alegre, tão triste, por vezes tão divertido, partiu; deram-lhe uma lágrima, uma lembrança! Em oito dias nele não pensarão mais, e as peripécias da guerra farão esquecer a volta do pobre exilado à sua pátria.

Insensatos! há muito diziam: “Méry está doente; enfraquece, fica velho.” Como se enganavam!... eu ia para a juventude; crede; a criança que chora ao entrar na vida é que avança para a velhice; o homem maduro que morre reencontra a juventude eterna além da sepultura!

A morte foi para mim uma doçura inefável. Meu pobre corpo, castigado pela doença, sofreu as derradeiras convulsões e tudo foi dito; mas meu Espírito saía pouco a pouco de suas fraldas e planava, ainda prisioneiro e já aspirando ao infinito!... Fui libertado sem perturbação, sem abalo; não tive surpresa, porque o túmulo não mais tinha véu para mim. Abeirei-me de uma margem conhecida; sabia que amigos devotados me esperavam na praia, pois não era a primeira vez que eu fazia essa viagem.

Como eu dizia aos meus ouvintes admirados, conheci a Roma dos Césares; comandei como conquistador subalterno nessa Gália que habitava recentemente como cidadão; ajudei a conquistar a vossa pátria, a subjugar os vossos bravos antepassados, depois parti para retemperar minhas forças na fonte da vida intelectual, para escolher novas provas e novos meios de progresso. Vi as bordas do Ganges e as dos rios da China; assimilei civilizações tão diferentes da vossa e, contudo, tão grandes, tão avançadas em seu gênero. Vivi na zona tórrida e nos climas temperados; estudei os costumes daqui e de lá; sucessivamente guerreiro, poeta, escritor, filósofo e sempre sonhador...

Esta última existência foi para mim uma espécie de resumo de todas as que a precederam. Adquiri há pouco; ainda ontem gastava os tesouros acumulados numa série de existências, de observações e de estudos.

Sim, eu era espírita de coração e de espírito, se não de raciocínio. A preexistência para mim era um fato, a reencarnação uma lei, o Espiritismo uma verdade. Quanto às questões de detalhe, confesso de boa-fé não ter ligado a elas grande importância. Acreditava na sobrevivência da alma, na pluralidade de suas existências, mas jamais tentei aprofundar se ela podia, depois de haver deixado seu corpo mortal, manter, livre, relações com os que ainda estão ligados à cadeia. Ah! Victor Hugo disse com acerto: “A Terra não é senão a penitenciária do céu!...” Por vezes quebra-se a

sua corrente, mas para a retomar. Seguramente não se sai daqui senão deixando aos guardas o cuidado de, chegado o momento, desatar os laços que nos prendem à provação.

Estou feliz, muito feliz, porque tenho a consciência de ter bem vivido!

Perdoai-me, senhores, é ainda Méry, o sonhador, que vos fala; e permiti que volte a uma reunião onde me sinto à vontade. Deve haver o que aprender convosco e, se me quiserdes receber no número de vossos ouvintes invisíveis, é com felicidade que ficarei entre vós, escutando, instruindo-me e falando, se se me apresentar ocasião.

*J. Méry*

## Questões e Problemas

### IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES PARTICULARES

*Por que os Espíritos evocados por um sentimento de afeição muitas vezes se recusam a dar provas certas de sua identidade?*

Compreende-se todo o valor ligado às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; esse sentimento é muito natural e parece, desde que os Espíritos podem manifestar-se, que lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais, sobretudo para certas pessoas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, isto é, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, é uma causa de dúvida e de cruel incerteza. Embora tenhamos tratado várias vezes desta questão, vamos examiná-la novamente, para responder a algumas perguntas que nos são dirigidas.

Nada temos a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa

instrução e que deixaram a Terra há algum tempo. Sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade só pode ser constatada com certeza para os Espíritos partidos recentemente, cujo caráter e hábitos se refletem em suas palavras. Nestes a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. Algumas vezes a prova ressalta de fatos materiais, característicos, mas na maioria das vezes, de nuances da própria linguagem e de uma porção de pequenos nada que, por serem pouco salientes, não são menos significativos.

Muitas vezes as comunicações deste gênero encerram mais provas do que se pensa e que se descobrem com mais atenção e menos prevenções. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contentam com que o Espírito quer ou pode dar; querem provas à sua maneira; ou lhe pedem que diga ou faça tal coisa, lembre um nome ou um fato, num momento dado, sem pensar nos obstáculos que, por vezes, a isto se opõem, e paralisam a sua boa vontade. Depois, obtido o que se deseja, muitas vezes querem mais; acham que não é ainda bastante concludente; depois de um fato, pedem outro e mais outro. Numa palavra, nunca são suficientes para convencer. É então que o Espírito, muitas vezes fatigado por essa insistência, cessa completamente de se manifestar, esperando que a convicção chegue por outros meios. Mas muitas vezes, também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição ao solicitante muito exigente, e também como prova para a sua fé, porquanto, se por algumas decepções e por não obter o que quer, viesse a abandonar os Espíritos, esses por sua vez o abandonariam, deixando-o mergulhado nas angústias e torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem conseqüências mais graves.

Mas, numa imensidade de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que este tem de as dar. Isto se deve à natureza, ou ao estado do

instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade mediúnica uma variedade infinita de nuances, que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de tais ou quais efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar som pelas cordas que faltam. Eis um exemplo notável:

Conhecemos um médium que se pode classificar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto por sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos, sem distinção. Diversas vezes, nas evocações particulares, obtive provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais tinha conhecido. Há algum tempo, fez para uma pessoa que acabava de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança e era tanto mais satisfatória quanto respondia a uma dúvida do pai sobre a sua posição como Espírito. No entanto, de certo modo as provas eram apenas morais; o pai achava que outro filho teria podido dizer o mesmo; queria alguma coisa que só a filha pudesse dizer; admirava-se, sobretudo, de que o chamasse *pai*, em vez do apelido familiar que lhe dava, e que não era um nome francês, conforme a idéia de que se ela dizia uma palavra, podia dizer outra. Tendo o pai perguntado a razão, eis a resposta que, a respeito, deu o guia do médium:

“Conquanto inteiramente desprendida, vossa filhinha não está em condição de vos fazer compreender a razão pela qual não pode fazer o médium exprimir os termos que conheceis e que ela lhe sopra. Ela obedece a uma lei em se comunicando, mas não compreende bastante para explicar o seu mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuances variam infinitamente, e os médiuns que de ordinário tratam de assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, essas

particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade, no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais, tensas por seu próprio desejo, já não são bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover-se à sua vontade. Daí se segue que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não mais existe. Nada há, pois, de surpreendente que vossa filha vos tenha chamado *pai*, em vez de vos dar a qualificação familiar que esperáveis. Por um médium especial obtereis resultados que vos satisfarão; basta ter um pouco de paciência.”

Alguns dias depois, achando-se esse senhor no grupo de um dos nossos associados, obteve de outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava, sem que tivesse pedido especialmente, mas outros fatos de notável precisão. Assim, a faculdade do primeiro médium, por mais desenvolvida e flexível que fosse, não se prestava a esse gênero de produção mediúnica. Podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não termos que exigem um trabalho especial; daí por que o conjunto da comunicação refletia o caráter e a forma das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é um instrumento próprio a todos os efeitos; assim como não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

É de notar que as provas de identidade vêm quase sempre espontaneamente, no momento em que menos se pensa, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material. Ei-la:

As disposições fluídicas que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium oferecem nuances de extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos e que variam de um

momento a outro no mesmo médium. Muitas vezes um efeito que não é possível num instante desejado, sê-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Acontece aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz é suficiente para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. Um poeta fará versos à vontade? Não; precisa de inspiração. Se não estiver em disposição favorável, por mais que perscrute o cérebro, nada obterá. Perguntai-lhe por quê? Nas evocações, o Espírito deixado à vontade se prevalece das disposições que encontra no médium, aproveita o momento propício; mas quando essas disposições não existem, não pode mais que o fotógrafo, na ausência da luz. Portanto, nem sempre pode, mau grado seu desejo, satisfazer instantaneamente a um pedido de provas de identidade. Eis por que é preferível esperá-las a solicitá-las.

Além disso, é preciso considerar que as relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Daí resulta que, inicialmente, o Espírito sempre experimenta uma dificuldade que influi na clareza, na precisão e no desenvolvimento das comunicações; mas, quando o Espírito e o médium estão habituados um ao outro; quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente, porque não há mais resistências a vencer.

Por aí se vê quantas considerações devem ser levadas em conta no exame das comunicações. É por falta de o fazer e de conhecer as leis que regem esses tipos de fenômenos que muitas vezes se pede o que é impossível. É absolutamente como se alguém, que não conhecesse as leis da eletricidade, se admirasse que o telégrafo pudesse experimentar variações e interrupções e concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; mesmo que tal constatação fosse impossível, nada prejudicaria contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais daí decorrentes. Seria preciso lamentar os que privassem das consolações que ela proporciona, por não ter obtido uma satisfação pessoal, pois isto seria sacrificar o todo à parte.

### QUALIFICAÇÃO DE SANTO APLICADA A CERTOS ESPÍRITOS

Num grupo de província, tendo-se apresentado um Espírito sob o nome de “São José, santo, três vezes santo”, isto deu ensejo a que se fizesse a seguinte pergunta:

Um Espírito, mesmo canonizado em vida, pode dar-se a qualificação de santo, sem faltar à humildade, que é um dos apanágios da verdadeira santidade e, invocando-o, permite que lhe dêem esse título? O Espírito que o toma deve, por esse fato, ser tido por suspeito?

Um outro Espírito respondeu:

“Deveis rejeitá-lo imediatamente, pois equivaleria a um grande capitão que se vos apresentasse exibindo pomposamente seus numerosos feitos de armas, antes de declinar o seu, ou a um poeta que começasse por se gabar de seus talentos. Veríeis nessas palavras um orgulho despropositado. Assim deve ser com homens que tiveram algumas virtudes na Terra e que foram julgados dignos de canonização. Se se apresentarem a vós com humildade, crede neles; se vierem se fazendo preceder de sua santidade, agradecei e nada perdereis. O encarnado não é santo porque foi canonizado: só Deus é santo, porque só ele possui todas as perfeições. Vede os Espíritos superiores, que conheceis pela sublimidade de seus ensinamentos: eles não ousam dizer-se santos; qualificam-se simplesmente de Espíritos de verdade.”

Esta resposta demanda algumas retificações. A canonização não implica a santidade no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal, fazendo parte integrante do nome, para os distinguir de seus homônimos, ou que lhes dão por hábito. Santo Agostinho, São Luís, São Tomé, podem, pois, antepor o nome santo à sua assinatura, sem que o façam por um sentimento de orgulho, que seria tanto mais descabido em Espíritos superiores que, melhor que os outros, não fazem nenhum caso das distinções dadas pelos homens. Dar-se-ia o mesmo com os títulos nobiliárquicos ou as patentes militares. Seguramente aquele que foi duque, príncipe ou general na Terra não o é mais no mundo dos Espíritos e, no entanto, assinando, poderão tomar essas qualificações, sem que isto tenha conseqüência para o seu caráter. Alguns assinam: aquele que, quando vivo na Terra, foi o duque de tal. O sentimento do Espírito se revela pelo conjunto de suas comunicações e por sinais inequívocos em sua linguagem. É assim que não nos podemos enganar sobre aquele que começa por se dizer: “São José, santo, três vezes santo.” Só isto bastaria para revelar um Espírito impostor, adornando-se com o nome de São José. Assim, ele pôde ver, graças ao conhecimento dos princípios da doutrina, que sua velhacaria não encontrou ingênuos no círculo onde quis introduzir-se.

O Espírito que ditou a comunicação acima é, pois, muito absoluto no que concerne à qualificação de santo e não está certo quando diz que os Espíritos superiores se dizem simplesmente *Espíritos de verdade*, qualificação que não passaria de um orgulho disfarçado sob outro nome, e que poderia induzir em erro, se tomado ao pé da letra, porque nenhum se pode vangloriar de possuir a verdade absoluta, nem a santidade absoluta. A qualificação de *Espírito de verdade* não pertence senão a um só, e pode ser considerada como nome próprio; está especificada no Evangelho. Aliás, esse Espírito se comunica raramente e apenas em

circunstâncias especiais. Devemos pôr-nos em guarda contra os que se adornam indevidamente com esse título: são fáceis de reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagem.

## VISÃO RETROSPECTIVA DAS EXISTÊNCIAS DO ESPÍRITO

### A propósito do Dr. Cailleux

Um dos nossos correspondentes de Lyon nos escreve o seguinte:

“Fiquei surpreso que o Espírito Cailleux tenha sido posto em estado magnético para ver desdobrar-se à sua frente o quadro de suas existências passadas (*Revista* de junho de 1866). Isto parece indicar que o Espírito em questão não as conhecia; porque vejo em *O Livro dos Espíritos* que “Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações.” (Cap. VI, nº 243). Este fato não parece implicar uma contradição?”

Não há aí nenhuma contradição, pois, ao contrário, o fato vem confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão apresentar as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Diz, em princípio, que depois da morte a alma vê suas migrações passadas, mas não diz nem quando, nem como, isto se dá; são detalhes de aplicação, que são subordinados às circunstâncias. Sabe-se que nos Espíritos atrasados a visão é limitada ao presente, ou pouco mais, como na Terra; ela se desenvolve com a inteligência e à medida que adquirem o conhecimento de sua situação. Aliás, não se deveria crer, mesmo nos Espíritos mais adiantados, como o Sr. Cailleux, por exemplo, que tão logo entrem no mundo espiritual, todas as coisas lhe apareçam subitamente, como numa mudança de decoração à vista,

nem que tenham constantemente sob os olhos o panorama do tempo e do espaço. Quanto às suas existências anteriores, eles as vêem em lembrança, como vemos, pelo pensamento, o que éramos e fazíamos nos anos anteriores, as cenas de nossa infância, as posições sociais que ocupamos. Essa lembrança é mais precisa ou confusa, às vezes nula, conforme a natureza do Espírito e segundo a Providência julga a propósito apagá-la ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. É um grande erro acreditar que as aptidões, as faculdades e as percepções são as mesmas em todos os Espíritos. Como na encarnação, eles têm percepções morais e as que podem ser chamadas materiais, que variam conforme os indivíduos.

Se o doutor Cailleux tivesse dito que os Espíritos não podem ter conhecimento de suas existências passadas, aí estaria a contradição, porque seria a negação de um princípio admitido. Longe disto, ele afirma o fato; apenas as coisas nele se passaram de maneira diferente do que nos outros, sem dúvida por motivos de utilidade para ele; para nós é um motivo de ensinamento, pois nos mostra um dos lados do mundo espiritual. O Sr. Cailleux estava morto há pouco tempo; suas existências passadas, portanto, podiam não se retratar ainda claramente à sua memória. Notemos, além disso, que aqui não era uma simples lembrança; era a própria visão das individualidades que ele tinha animado, a imagem de suas antigas formas perispirituais, que a ele se apresentavam. Ora, o estado magnético no qual ele se encontrou provavelmente era necessário à produção do fenômeno.

*O Livro dos Espíritos* foi escrito no começo do Espiritismo, numa época em que se estava longe de ter feito todos os estudos práticos que foram feitos depois. As observações ulteriores vieram desenvolver e completar os princípios cujo germe havia lançado, e é mesmo digno de nota que, até hoje, elas apenas as confirmaram, sem jamais as contradizerem nos pontos fundamentais.

# Poesia Espírita

## A PRECE PELOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Estou muito tocado, ó filho, por te achar  
Às minhas ordens pois, e em prece a me invocar,  
E ativo reprovar a lógica falaz  
E os argumentos vãos de uma seita mordaz,  
Que o Espírito supõe só cumprir um dever  
Em vindo à tua voz, bem feliz de o poder,  
Submisso a tua lei, fugir e deixar logo  
A morada do mundo em que se vive a rogo,  
De ultrapassar enfim infinitos recantos  
Que entristecem bem mais que por mortos os prantos.  
Grandes nomes eis pois e com frases pomposas.  
Mas se vem revelar coisas maravilhosas  
Dos mundos em menção, abrir os horizontes  
Dos tempos, e ensinar lições em longas fontes,  
Todo o princípio e fim de tua alma imortal,  
Da grandeza de Deus, seu poder eternal,  
A justiça infinita e seu sublime amor,  
Em paga, tu dirás, nobre gracejador,  
Se ele um dia rogar-te uma pequena prece,  
Exigente será se às vezes se aborrece  
Só por ter de pagar pequenino favor,  
És visto, suplicante, anular o pudor  
E tanto mendigar como um pobre mendigo,  
Suspitar pelo pão que nutre a vida, o trigo?  
Oh! crê-me, caro filho, é três vezes desgraça!  
Aquele pois que então olvida a dor que passa  
E as lágrimas cruéis deste mundo invisível,  
Ouvindo a nossa voz permanece insensível,  
E de joelhos não vem  
Por nós orar também.

*Casimir Delavigne*

*Allan Kardec*

